2

O contar, o compor e o recontar um texto historiográfico como momentos de concordância discordante

A atividade de narrar uma história, a atividade de compor um texto e a atividade de recontar um acontecimento são eventos chamados por Paul Ricoeur de forma de vida de nossa historicidade. Narramos, compomos e recontamos nossa experiência de ser-no-mundo com os outros.²⁷ Podemos fazê-lo narrando acontecimentos que foram realmente passados, que foram ações dos homens do passado, querendo dizer que a narração é unívoca; podemos fazê-lo ignorando essa força de prova documentária, narrando acontecimentos, personagens, situações, intrigas imaginárias. A narrativa histórica conta do *real* como passado e a narrativa ficcional conta o *irreal* como fictício. Todavia, ambas as narrativas partem de nossa experiência de ser-no-mundo com os outros, embora tenham pretensões referenciais distintas.

A atividade de narrar uma história real ou fictícia é um gênero narrativo. Esse gênero narrativo se refere à experiência – forma de vida em seu conjunto: nossa historicidade. A narrativa histórica e a narrativa ficcional são dois modos distintos de nossa forma de vida; no entanto, procedem de uma *époque* do mundo ordinário da ação humana e de sua descrição nos atos do discurso. Assim, a atividade de narrar versa sobre a “história verdadeira” e sobre a “história fictícia”, que cruzam e entrecruzam suas referências sobre a historicidade de base da experiência humana.²⁸ Interessa-nos reter, dessa análise introdutória, a atividade de narrar uma história como fato acontecido, enquanto nos ajuda a examinar a noção de identidade narrativa de Paul Ricoeur, como se nos apresenta em *Tempo e narrativa*, e estendê-la à identidade narrativa do discurso de uma historiografia literária brasileira.

---

²⁷ RICOEUR, Paul. *La fonction narrative*. Montpellier: Études Théologiques et religieuses, 1979, Volume 2, p. 209: “...en entendant par là ce fait fondamental et radical que nous faisons l’histoire, que nous sommes dans l’histoire, que nous sommes des êtres historiques.”

²⁸ Idem, p. 228.

A narração de acontecimentos do passado está consignada em historiografias. Define-se historiografia como narrativa das ações humanas do passado.²⁹ Esses acontecimentos reunidos em configurações textuais podem ser lidos, interpretados e contados de novo. Por essa razão, nossa apologia de que a identidade narrativa da historiografia é extensiva à identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira deve ser precedida dos exames das noções ricoeurianas de texto, de tecer da intriga e de concordância discordante.

2.1. A noção de historiografia como texto

Paul Ricoeur adere à acepção de que texto é o tecido lingüístico de um discurso. Trata-se de discurso escrito, conforme se lê no verbete *texto* em Enciclopédia Einaudi.³⁰ Este tecido lingüístico encontra a sua realização concreta nos textos escritos.

O que é um texto? Esse é o título do ensaio consagrado por Paul Ricoeur no debate entre duas atitudes fundamentais que se podem assumir perante um texto, a saber, explicar ou compreender.³¹ Sua tese é de que tais atitudes decorrem da leitura. A leitura aparece como este ato concreto a partir do qual se opõem ou se conciliam a explicação e a compreensão.³²

Texto, para Paul Ricoeur, é todo o discurso fixado pela escrita. A fixação pela escrita é, logo, constitutiva do próprio texto. É o discurso que é fixado pela

---

²⁹ Ibidem, p. 250.

³⁰ Enciclopédia Einaudi. *Verbetes Textos*. In Literatura – texto. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Volume, 17, 1989, pp. 152–175. Algumas características dos textos escritos: a) o emissor pode ter um destinatário privilegiado, mas sabe que o seu texto pode ou vai ser lido por outros; no caso do texto literário, o número dos possíveis leitores depende do valor do próprio texto. O alcance temporal pode apresentar-se de dois modos: limitado, se se tratar de um contexto humano (que pode depois ser lido, mas com outros objetivos, pelo historiador da língua ou do direito), ou virtualmente ilimitado, se se tratar de um pacto sagrado; b) o texto escrito, exceto o caso das cartas, não participa de um mecanismo de *feedback*; c) o texto escrito pode ser lido diversas vezes, parcial ou na totalidade. A seqüência e o tempo de leitura serão escolhidos pelo leitor e a leitura pode ser silenciosa ou em voz alta; e esta última pode ou deve ser meditada, o que não acontece com o discurso oral; c) o texto escrito destina-se a ser lido em diferentes contextos. Tendo surgido num determinado momento, o texto pode voltar a ser analisado no desenvolver do tempo. Enquanto no discurso oral se tem uma realização *una tantum*, irrepetível porque o contexto nunca mais será o mesmo, no discurso escrito, no texto, a realização permanece indefinidamente. A realização do texto encontra-se, porém, num estado de contínua potencialidade. O texto permanece uma matéria escrita, feita de linhas e de letras, inertes até o momento em que voltam a ser lidas. O texto adquire significado apenas graças à intervenção do leitor.

³¹ *DA*, pp. 141-162.

³² Idem, p. 162.

escrita: “o texto é um discurso fixado pela escrita. O que é fixado pela escrita é, pois, um discurso.”³³ Fixado pela escrita, o discurso textual produz uma dupla ocultação: a ocultação do leitor e a ocultação do escritor. Ora, a inscrição pela escrita do discurso arrasta uma verdadeira transformação, tanto nas relações entre a linguagem e o mundo como nas relações entre a linguagem e o autor implicado e o leitor real. Primeiro, porque não é uma relação de interlocução, não é um caso de diálogo, e, no entanto, há significação; segundo, porque atinge a referencialidade da linguagem oral. Na fala, o sujeito do discurso diz algo sobre alguma coisa e isso de que fala é o referente de seu discurso. Na troca de palavras, os locutores estão presentes e numa situação, ambiência e meio circunstancial do discurso familiar. Segundo Paul Ricoeur, “o remeter para a realidade é, finalmente, remeter para esta realidade que pode ser mostrada ‘em torno’ dos locutores, ‘em torno’, se se pode dizer, da própria instância de discurso.”³⁴ No discurso fixado pela escrita, o diálogo é interrompido e o movimento da referência é interceptado (mas não suprimido).³⁵ Essa é a transformação que afeta a referencialidade do discurso. A ocultação do interlocutor e ocultação da realidade circunstancial indicada pela fala viva criam a autonomia semântica do texto e o mundo do texto e a universalidade do auditório. Nesse sentido, fala-se de autor implicado e não de locutor, fala-se de mundo do texto e não de realidade (no sentido de uma realidade circunstancial). O texto não é, todavia, sem referência. Paul Ricoeur exemplifica:

*“assim, falamos do mundo grego, do mundo bizantino. Esse mundo podemos dizê-lo imaginário, no sentido de que ele é presentificado pelo escrito, no próprio lugar em que o mundo era apresentado pela fala; mas este imaginário é, ele próprio, uma criação da literatura, é um imaginário literário.”*³⁶

O texto historiográfico é tomado por Paul Ricoeur como paradigma da distanciação na comunicação. O texto revela que a historicidade da experiência humana é uma comunicação na distância e pela distância. Alguma experiência humana se historiciza na configuração do discurso como obra. O texto historiográfico torna-se memória individual e coletiva. É essa memória individual

---

³³ Ibidem, p. 142.

³⁴ Ibidem, p. 144.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem, p. 145.

e coletiva que é lida, interpretada e contada. Pela leitura e na leitura acontece o fenômeno de interpretação. Segundo Paul Ricoeur,

*“podemos, enquanto leitor, permanecer na expectativa do texto, tratá-lo como texto sem mundo e sem autor; explicamo-lo, então, pelas suas relações internas, pela sua estrutura. Ou, então, podemos levantar o suspense do texto, consumir o texto em falas, restituindo-o à comunicação viva; nesse caso, interpretamo-lo. Essas duas possibilidades pertencem ambas à leitura e a leitura é a dialética destas duas atitudes.”*³⁷

Ler é encadear um discurso novo no discurso do texto.³⁸ A interpretação é, pois, a concretude deste encadeamento. Conclusão sempre aberta, visto que interpretar é tomar o caminho de pensamento aberto pelo texto, pôr-se em marcha para o oriente do texto, perder-se no percurso, ceder ao jogo da semelhança e da diferença, do Mesmo e do Outro.³⁹ Tanto a prefiguração práxica, quanto a composição textual quanto ainda a leitura textual e o contar histórias são sínteses de fatores heterogêneos, tais como acontecimentos, agentes, fins, meios, interações, relações e outros. A essa síntese de fatores heterogêneos Paul Ricoeur chama tecer da intriga. Ao narrar, tecemos intrigas; ao compor um texto, tecemos intrigas; ao recontar um texto, tecemos intrigas.⁴⁰

Na configuração textual, o texto é o paradigma de toda síntese do heterogêneo. Síntese do heterogêneo significa que a partir de diversos acontecimentos é composta uma história, ou seja, o tecer da intriga reúne traços tão distintos como intenções, meios, circunstâncias, atores, interações e resultados (traços estruturais inteligíveis, fontes simbólicas e caráter temporal⁴¹) em um todo concordante-discordante. Uma historiografia é um texto. O texto é, pois, o tecer da intriga; logo, um texto historiográfico é uma síntese do heterogêneo, reúne traços tão distintos como intenções, meios, circunstâncias, atores, interações e resultados em um todo concordante-discordante.

---

³⁷ Ibidem, p. 149.

³⁸ Ibidem, p. 167. Paul Ricoeur é contrário a uma posição dicotômica entre explicar e compreender.

³⁹ RICOEUR, Paul. *O texto como identidade dinâmica*. In *Hermenêutica bíblica*. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p.117.

⁴⁰ Sentido amplo da noção de tecer da intriga. Trata-se de um fenômeno que perpassa sua tríplice *mimese*, embora explicitada em *mimese II*.

⁴¹ Esses traços inteligíveis, fontes simbólicas e o caráter temporal de nossa competência pragmática serão desenvolvidos pormenorizadamente no capítulo 4.

2.2. A noção de historiografia como tecer da intriga

Como bem o diz na introdução do ensaio *La fonction narrative*⁴², o tecer da intriga é um jogo de linguagem e, sendo um jogo de linguagem, é uma forma de vida. O tecer da intriga acontece na oralidade, na escritura, na ação. Na oralidade, nos atos de discurso; na escritura, nos atos de composição textual; na ação, no agir. Igualmente o jogo de concordância e de discordância acontece nos atos de discurso (na oralidade), nos atos de configuração textual (nos textos) e nos atos do agir (na ação). Nos atos de composição textual, o tecer da intriga se dá na escritura, no texto. No esboço de uma teoria geral do discurso narrativo, em *Pour une théorie du discours narratif*⁴³, Paul Ricoeur considera o lugar e o papel da narrativa na configuração textual, seja historiográfica seja narratológica, com suas respectivas intencionalidades. Todavia, são dois modos distintos de tratar nossa existência individual e social: fazemos história, somos na história e somos seres históricos; fazemos ficção, somos na ficção e somos seres de ficção.⁴⁴ Em ambas as narrativas, historiográfica e narratológica, tecemos intrigas.

A tese de Paul Ricoeur é de que o tecer da intriga é o paradigma de toda síntese do heterogêneo no campo narrativo.⁴⁵ O tecer da intriga historiográfico é um processo dinâmico, no qual se comunica um mundo, a partir do qual se prefigura e se refigura um mundo. Neste sentido, o tecer da intriga historiográfico é a capacidade de selecionar e organizar a própria experiência vivida em trama, é a capacidade de delimitar, ordenar, explicitar e compor uma experiência histórica em textos, é a capacidade de ser mediação entre tradições; o tecer da intriga historiográfico é o ato de seguir uma história. Seguir uma história é compreender ações, pensamentos, sentimentos sucessivos enquanto apresentam uma direção particular; o tecer da intriga historiográfico é o ato de configurar uma história. Configurar uma história é avançar no meio de contingências, de lacunas, de zonas de indeterminação; o tecer da intriga historiográfico é uma dialética viva, na qual

---

⁴² RICOEUR, Paul. *La fonction narrative*. Montpellier: Études Théologiques et religieuses, 1979, Volume 2, pp. 209–230.

⁴³ _____. *Pour une théorie du discours narratif*. In *La narrativité (Phénoménologie et herméneutique)*. Recueil préparé sous la direction de Dorian Tiffeneau. Paris: Centre National de Recherche Scientifique, 1980, pp. 1- 68.

⁴⁴ Idem, p. 5.

⁴⁵ Ibidem, p. 118. O tecer da intriga como síntese do heterogêneo se dá nos atos do discurso, na composição textual e na ação.

repousa o jogo de concordância e discordância, de inovação e de sedimentação. Enquanto síntese do heterogêneo, o ato configurante da composição historiográfica comporta as metamorfoses dos acontecimentos. Se, de um lado, os paradigmas que fornecem regras para uma historiografia mudam lentamente e até resistem à mudança, sedimentam-se, de outro lado, há sempre lugar para a inovação – “cada obra é desviante em relação a outra obra”.⁴⁶ É uma dialética viva de concordância e de discordância.

2.3.

A noção do fenômeno de concordância discordante

Não há para Paul Ricoeur uma inovação semântica a partir do nada, uma invenção absoluta. O fenômeno de inovação semântica, conforme o notou Hélio Salles Gentil⁴⁷, consiste no novo, no ainda não-dito, no inédito. Esse fenômeno de inovação semântica é amplamente estudado por Paul Ricoeur em *Metáfora Viva e Tempo e narrativa*.⁴⁸ É produzido com a metáfora, na produção de uma nova pertinência semântica, e é produzido com a narrativa, na invenção de uma tessitura da intriga, ou seja, o fenômeno do novo, do ainda não-dito, do inédito surge na metáfora por uma nova pertinência na predicação e surge na narrativa por uma nova congruência no agenciamento dos incidentes.⁴⁹ É por isso que Paul Ricoeur afirma que *A metáfora viva e Tempo e narrativa* são obras gêmeas:

*“A metáfora viva e Tempo e Narrativa são duas obras gêmeas: editadas uma depois da outra, foram concebidas juntas. Embora a metáfora refira-se tradicionalmente à teoria dos ‘tropos’ (ou figuras do discurso) e a narrativa, à teoria dos ‘gêneros’ literários, os efeitos de sentido produzidos por ambas referem-se ao mesmo fenômeno central de inovação semântica. Nos dois casos, esta só se produz no nível do discurso, isto é, dos atos de linguagem de dimensão igual ou superior à frase.”*⁵⁰

⁴⁶ TN I, p. 109.

⁴⁷ GENTIL, Hélio Salles. *Para uma poética da modernidade – uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 113: “trata-se sempre do movimento que vai da inovação à sedimentação e desta a uma nova inovação, movimento constitutivo da tradição e (...) da história viva na qual nos movemos e na qual se inserem as histórias que narramos, embora não sejam a mesma, evidentemente, história vivida e história narrada.”

⁴⁸ TN I, TN II, TN III, MV.

⁴⁹ MV, p. 9; TR I, p. 10.

⁵⁰ MV, p. 9.

Tanto na metáfora quanto na narrativa há o fenômeno de concordância discordante ou discordância concordante. Tal fenômeno foi tratado por Paul Ricoeur no discurso metafórico, em *A metáfora viva*, e no discurso narrativo, em *Tempo e narrativa*. Em ambos, defende-se que em cada um deles há sentido e referência.

Enunciado metafórico é o fenômeno de inovação semântica da metáfora:

“a característica decisiva é a inovação semântica, graças à qual uma nova pertinência, uma nova congruência, é estabelecida de tal maneira que o enunciado ‘faz sentido’ como um todo. O criador de metáforas é esse artesão com habilidade verbal o qual, a partir de um enunciado inconsistente para uma interpretação literal, extrai um enunciado significativo para uma nova interpretação que merece ser chamada metafórica por gerar a metáfora não apenas como um desvio mas por ser também aceitável. Em outras palavras, o significado metafórico não consiste meramente em um choque do significado literal, isto é, do colapso do significado que se obtém se confiarmos apenas nos valores lexicais usuais ou comuns de nossas palavras. A metáfora não é o enigma, mas a solução do enigma.”⁵¹

Com esse fenômeno de inovação semântica, a metáfora projeta e revela um mundo. Há um trabalho de produção de sentido, tanto do leitor quanto do ouvinte, que se dá numa dialética concordante discordante:

“é, com efeito, o leitor que elabora as conotações do modificador suscetíveis de fazer sentido. Em relação a isso, é um traço significativo da linguagem viva poder levar sempre mais longe a fronteira do não-sentido. Talvez não haja palavras tão incompatíveis que um poeta não possa lançar uma ponte entre elas; o poder de criar novas significações contextuais parece ser ilimitado, e tais atribuições aparentemente ‘insensatas’ podem fazer sentido em algum contexto inesperado. O homem que fala jamais esgotará os recursos conotativos de suas palavras”⁵²

O fenômeno de inovação semântica da metáfora revela-se no discurso, pois. Não há metáfora no dicionário; ela existe somente no discurso:

“o essencial da atribuição metafórica consiste na construção da rede de intersecção entre vários campos semânticos. Esta construção é o meio pelo qual todas as palavras tomadas conjuntamente recebem sentido. Então, e somente então, a torção metafórica é simultaneamente um acontecimento e uma

---

⁵¹ SACKS, Sheldon. *Da metáfora*. São Paulo: Educ, 1992, p. 148.

⁵² MV, pp. 150–151.

significação, um acontecimento significativo, uma significação emergente criada pela linguagem.”⁵³

Quando a inovação semântica da metáfora é suscetível de ser identificada e reidentificada, a enunciação metafórica deixa de ser viva, sedimenta-se, passa a reunir-se à polissemia das entidades lexicais:

*“no enunciado metafórico, a ação contextual cria uma nova significação que tem justamente o estatuto de acontecimento, na medida em que existe somente nesse contexto. Mas, ao mesmo tempo, pode-se identificá-la como a mesma, na medida em que sua construção pode ser repetida; assim, a inovação de uma significação emergente pode ser considerada uma criação lingüística. Caso seja adotada por uma parte influente da comunidade lingüística, ela pode tornar-se, por sua vez, uma significação usual e reunir-se à polissemia das entidades lexicais, contribuindo assim para a história da linguagem como língua, código ou sistema. Mas, neste último estágio, quando o efeito de sentido que denominamos metáfora se reúne à mudança de sentido que aumenta a polissemia, a metáfora já não é Metáfora viva, mas metáfora morta. Somente as metáforas autênticas, isto é, as vivas, são a um só tempo acontecimento e sentido.”*⁵⁴

A metáfora é uma impertinência semântica, cujo funcionamento é inseparável da instância do discurso. O discurso metafórico é uma impertinência semântica. Segundo Paul Ricoeur, *“o que faz a nova pertinência semântica é o tipo de ‘proximidade’ semântica que se estabelece entre os termos a despeito de sua ‘distância’. Coisas que até então estavam ‘afastadas’ imediatamente aparecem como ‘vizinhas’.*”⁵⁵ Essa impertinência semântica porta tensão, contradição e controversão, ou seja, o enunciado metafórico é constituído como o encontro conflitual entre o mesmo, o diferente e o análogo. Esse paradoxo da visão e da discursividade, da relação de conflito de identidade e da diferença constitui a controversão. Do ponto de vista lógico, há erros categoriais: *“a metáfora, figura de discurso, apresenta de maneira aberta, por meio de um conflito entre identidade e diferença, o processo que, de maneira encoberta, engendra as áreas semânticas por fusão das diferenças na identidade”*⁵⁶; do ponto de vista dialético, há uma concordância discordante. O processo predicativo é o portador da controversão semântica, ou seja, da torção semântica:

---

⁵³ Idem, p. 155.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem, p. 297.

⁵⁶ Ibidem, p. 304.

“a metáfora surge então como o esquematismo no qual se produz a atribuição metafórica. Tal esquematismo faz da imaginação o lugar da emergência do sentido figurativo no jogo da identidade e da diferença. E a metáfora é o lugar no discurso em que esse esquematismo é visível, porque identidade e diferença não são confundidas, mas afrontadas.”⁵⁷

A enunciação metafórica é, portanto, um processo metafórico, resultante da tensão entre a identidade e a diferença na operação predicativa posta em movimento pela concordância discordante e pela inovação semântica. A enunciação metafórica é simultaneamente um acontecimento e uma significação, um acontecimento significante, uma criação emergente dos atos de linguagem, uma síntese do heterogêneo.⁵⁸ O processo da enunciação metafórica é um processo predicativo homogêneo: há uma similaridade – aproximação entre idéias logicamente heterogêneas e uma nova pertinência semântica; há a projeção pela imaginação de novas possibilidades de reescrever o mundo. A imaginação projeta novas possibilidades de reescrever o mundo.

Toda enunciação metafórica pressupõe uma referência, a que Paul Ricoeur chama referência metafórica⁵⁹, e recria a realidade. A metáfora é a estratégia do discurso pela qual a linguagem se despoja de sua função de descrição direta para aceder a um nível no qual sua função de descoberta é liberada.⁶⁰ Ao sentido metafórico corresponde, pois, uma referência metafórica:

“o sentido de uma nova metáfora, nós dissemos, é o aparecimento de uma nova congruência ou pertinência semântica a partir das ruínas do sentido literal compartilhado por incompatibilidade ou absurdez semântica. Da mesma maneira que o auto-apagamento do sentido literal é a condição negativa para o aparecimento do sentido metafórico, a eliminação da referência devida à linguagem descritiva comum é a condição negativa para o aparecimento de uma maneira mais radical de ver as coisas, esteja ela relacionada ou não ao desvelamento dessa camada da realidade que a fenomenologia chama de pré-objetiva e a qual, de acordo com Heidegger, constitui o horizonte de todas as formas de conviver com o mundo. Uma vez mais, o que me interessa aqui é o paralelismo entre o apagamento do sentido literal e o apagamento da referência descritiva usual. Esse paralelismo vai longe. Da mesma maneira como o sentido metafórico não só abole mas preserva o sentido literal, a referência metafórica mantém a visão usual em tensão com aquela que ela sugere.”⁶¹

---

⁵⁷ Ibidem, p. 306.

⁵⁸ Ibidem, p. 155.

⁵⁹ Ibidem, p. 391.

⁶⁰ Ibidem, p. 376.

⁶¹ SACKS, pp. 154–155.

Assim como o sentido metafórico – *metáfora viva* – é resultante da tensão da instauração de uma proximidade entre significações até então afastadas logicamente – inovação de sentido obtida pela torção do sentido literal das palavras –, assim também a referência metafórica é resultante da tensão da instauração de uma visão que se pode dizer metafórica – o ver metafórico é um ver como.

O fenômeno de concordância discordante da narrativa historiográfica consiste na invenção de uma intriga. O fenômeno de inovação semântica é o novo, o ainda não-dito, no inédito que surge na narrativa. O fenômeno de inovação semântica da narrativa historiográfica consiste na invenção de uma intriga, no novo, no ainda não-dito, no inédito. Neste sentido, o fenômeno de inovação semântica de uma intriga historiográfica significa uma nova congruência no agenciamento dos incidentes.⁶² Dizer que o fenômeno de inovação semântica é produzido na narrativa historiográfica significa que na narrativa surge o inédito, o não-dito, uma nova congruência no agenciamento dos incidentes, uma síntese de fatores discordantes concordantes, cuja função é configurar a práxis humana e tornar possível a reconfiguração da experiência humana.⁶³

2.4. À guisa de conclusão capitular

O itinerário seguido neste capítulo objetivou evidenciar as principais noções da teoria geral do discurso narrativo de Paul Ricoeur, porquanto nos ajudam no estudo de uma justificação epistemológica do problema da identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira. As noções texto, tecer da intriga e fenômeno de concordância discordante, tal qual Paul Ricoeur nos apresenta, são fios condutores de nossa pesquisa: lendo o texto, no qual se inscreve a historiografia literária, tecemos intrigas e proferimos o concordante discordante. É na atividade de narrar uma história literária, na atividade de compor um texto historiográfico literário e na atividade de recontar um acontecimento da história literária que emerge o ainda não-dito de nossa historicidade; é no tecer da intriga

---

⁶² RICOEUR, *La fonction narrative*, pp. 212–230.

⁶³ *TNI*, p. 15.

historiográfico que acontece uma representação histórico-literária, um jogo de sedimentação e de inovação semântica da narrativa literária.

Vimos por bem estudar, primeiro, a noção de historiografia como texto, a noção de historiografia como tecer da intriga e a noção do fenômeno de concordância discordante (Capítulo 2), e, segundo, a abordagem ricoeuriana de atos de discurso, de ação e de escritura (Capítulo 3). Ambos os estudos são intróitos ao estudo da identidade discursiva da narrativa historiográfica (Capítulo 4) e ao estudo da identidade da narrativa historiográfica literária brasileira (Capítulo 5).